

BRASIGÓIS FELÍCIO
— “VERSOS SANGRANDO DE DOR E HUMANIDADE”

Darcy França Denófrío *

Há pouco, estudando a obra poética de Brasigóis Felício, nos ativemos ao seu caráter solidário ou à sua função social, preocupando-nos também em distingui-la das demais obras tributárias da mesma vertente de compromisso.

Continuar buscando na obra de Brasigóis simplesmente uma preocupação social, parece-nos muito pouco, além de insistir no óbvio. Mesmo porque o referente, neste caso, é o cotidiano brasileiro, tão familiar a todos nós que até dispensa a leitura do crítico. Para compreender o que o poeta afirma à página 30, no poema “Ato Violado” — “A vida dos meninos está apodrecendo” (. . .) “O tiro nos saiu pela culatra” — ou para compreender as denúncias de atos que chegam à raia do cinismo, feitas pelo poeta no poema “Comício”, à página 59, o leitor não precisa de intérpretes, pois já se tornou auto-didata. Conheçamos, pois, um outro lado deste poeta goiano, não desvelado ainda.

Em sua mais recente obra, *A dor da coisas* (cujo título, como num palimpsesto, deixa entrever aquele — *O calor das coisas* — da ficcionista Nélida Piñon, a quem intencionalmente o poeta dedica um poema) podemos ver com igual força fluírem “duas águas”: de um lado da cumeeira,

* Do Departamento de Letras do Instituto de Ciências Humanas e Letras.

o lirismo de caráter social; do outro, o lirismo existencial. Na obra fala, portanto, com igual força, o ser social e o ser existencial.

Lembremos de passagem que, em *Hotel do tempo*, já existia algum prenúncio da coexistência desses dois temas, no entanto o primeiro acabou por subjugar o segundo, que ficou sem direito de reivindicar o seu estatuto próprio até este momento, quando, vem a público *A dor das coisas*.

A epígrafe de Baudelaire, que abre o livro, clama pelo lado social e por acordar, em nós, uma consciência solidária. Entretanto, o primeiro poema, que dá título ao livro e que deve denominar também o bloco, é a própria chaga existencial: "A vida é dor, e a dor é tudo". /Pela dor transfigurados,/"nascemos/entre fezes e urina".

Demoremos o suficiente neste primeiro poema, que nos parece oferecer as coordenadas filosóficas do poeta. Na primeira estrofe, pondo em epígrafe o seu próprio pensamento e também o de Santo Agostinho, Brasigóis nos remete ainda às idéias de Schopenhauer de que a vida é dor, ** de que se a "Nossa receptividade para a dor é quase infinita, aquela para o prazer possui limites estreitos", enfim, de que "via de regra, consideramos as alegrias bem abaixo, as dores bem acima de nossa expectativa."¹

Na segunda estrofe, o poeta sugere um questionamento entre "estar no mundo" X "ser no mundo": "A sede/ solidão/ carência/de "estar no mundo." A sede, a solidão e a carência parecem conseqüências de um "estar no mundo" quando, na realidade, o poeta desejaria "ser no mundo," conceito que desejamos ampliar mais adiante. Mais do que ser um *Da-sein*, um ser que toma consciência do estar-no-mundo, na imanência dos entes, Brasigóis sonha com a odisséia do humano: alcançar a sua própria identidade. Como observa o Prof. Arcângelo R. Buzzi,² o homem, como uma alga, é lançado no mar da existência, é colhido por um modo de ser, assume um concreto modo de existir, aparece como uma soma de determinações: ele é efetivamente **isto** ou **aquilo**, é masculino ou feminino, pertence a tal grupo étnico, a tal classe social, a esta ou àquela cultura, vive num lugar, numa época. Ele é uma interpretação do ser. Mas justamente na interpretação lhe é dado perceber que nele o ser é e não

** Este verso introdutório já apareceu ao longo da obra poética de Brasigóis. Assim como acontece com M. Bandeira e F. Pessoa, é comum em B. Felício a reiteração de determinados versos, especialmente daqueles que constituem as vigas-mestras de seu pensamento, constituindo isto uma técnica que, como se vê, não é apenas sua.

1 Schopenhauer (Os pensadores), in "contribuição à doutrina do sofrimento do mundo", São Paulo, Abril Cultural, 1980, p. 216.

2 BUZZI, Arcângelo R. Introdução ao pensar: o ser, o conhecer, a linguagem. Petrópolis, Vozes, 1974, p. 51.

é! Compreendendo ou intuindo esta verdade, em “Águas Adiadadas” (pág. 43) Brasigóis visivelmente reclama dessa terrível apatridade:

*Quando, enfim, caminharei
— liberto
das águas do Não Ser,
que em mim se represaram?*

Conhecendo muito bem a nossa falência de sentido como seres, o poeta declara ainda:

*Nem sou dono de nada.
Apenas usuário
dos ossos que compõem
o cidadão que falo,
(...)*

(“Carcaças Precárias”, p. 56)

Na terceira e última estrofe de seu curto e denso poema introdutório, Brasigóis exclama: “A dor de estar vivo/ e ter que morrer um dia!” Aqui se estabelece também mais uma antinomia: a dor de viver X a dor de morrer. Como Schopenhauer, Brasigóis admite que a vida é um castigo (= dor) e que a morte é mais um castigo que se imputa ao homem por ter vivido. Uma das angústias existenciais do homem é saber da morte. Para Schopenhauer,³ cresce muito mais no homem a medida da dor do que a do prazer, e aquela se incrementa ainda de modo especial por ele **saber** efetivamente da morte; enquanto o animal foge dela por instinto, sem propriamente conhecê-la, e por isto sem jamais verdadeiramente encará-la, o homem sempre tem à sua frente este terrível prospecto. E é exatamente esta certeza cruel que faz Brasigóis exclamar cheio de dor novamente no fecho do poema “Enquanto Agonizo”:

*(...)
Ah! a apunhalada,
a incurável
ferida-maravilha
de estar vivo
e ter que morrer
um dia!*

3 Cf. Schopenhauer, op. cit. p. 219.

Como uma espécie de compensação para a irreversibilidade desse fato, Brasigóis se auto-consola no poema "Manhãs em Pânico": "Só não quero é morrer cedo!"

Para ele morrer é terrível e o único benefício da morte é nos liberar para sempre da repetição deste castigo. Assim se expressará "Diante do Grande Silêncio", à página 94:

*Feliz quem já viajou
para as profundas
regiões do sempre: estes
ficaram livres
de ter que morrer novamente.*

Enfim não é gratuita (e nunca será num bom poeta) a epígrafe de Sartre que Brasigóis elege para o bloco, OS FARÓIS DA CARNE: "os homens morrem e não são felizes." Embora intua ou admita como Heidegger⁴ que o Dasein é um "Ser-para-o-fim (Sein-zum-Ende), fundamentalmente um "Ser-para-a-morte (Sein-zum-Tode), Brasigóis não supõe, como aquele filósofo, que, assumindo a sua morte, o Dasein alcance sua autenticidade, pois já não mais a temeria. Entre "a dor de viver e a dor de morrer", o poeta vai-se questionando, visivelmente inconformado:

*E os nossos olhos: teriam
sido feitos
só para o pranto?
Não terá sido para murchar,
depois do orgasmo,
que teriam sido feitos
os nossos sexos?
Somos maiores que isto.*

("As Nossas Vidas-Ilhas", Seção III, p. 96)

Dentro do lirismo de cunho existencial ou da condição humana, vamos encontrar o poeta utilizando uma imagem singular, traduzindo,

⁴ Cf. Heidegger (Os pensadores). São Paulo, Abril Cultural, 1979.

todavia, uma preocupação milenar do homem, ou seja, a inexorabilidade do tempo e a fugacidade da vida:

*A ferrugem insidiosa
corrói o cerne das coisas
e nos imola, humanos
no martírio dos dias.*

(. . .)

*Só o tempo nos engole
com sua gula atávica
por músculos e ossos.*

Já o Ser, Brasigóis o vê às vezes próximo da concepção de Heráclito, *** que o concebe como um eterno fluir, uma evanescente fuga, um rio que corre, imagem recorrente na poesia feliciana:

*A turva claridade
das águas do viver:
o rio tem seu fazer
de viagens sem volta,
seu ofício*

só se completa no mar. ("O Mar dos Dias" (. . .) p. 16)

Tal como para Heráclito, a vida é uma sucessão de momentos irreperáveis. Não estamos na competência de sustá-los. Deslizam, morrem. Um tal viver é um lento morrer. Um tal morrer é um fugaz viver:

*Para que ninguém, nem nada,
interrompa
meu caminho silencioso,
apenas me deixo ir
como num rio.*

("No Mar dos Milênios", p. 58)

Também como Hegel, Brasigóis vê o Ser como sendo o nada. Não obstante, a sua explicação para o nada, no nível da existência individual, concreta, particular, que se pode surpreender num de seus poemas de *A dor das coisas*, é heideggeriana. O nada, explica Heidegger, representa os limites temporais do Dasein: antes de seu nascimento, o "Ser-aí" é nada; morto, torna-se nada. É através do nada que o Dasein se totaliza,

*** BUZZI, Arcângelo, op. cit. pp. 32-33.

se completa⁵. Parece-nos que o homem se torna então uma angústia, entre dois nadas, conforme o pensamento de Brasigóis expresso nestes versos:

*Difícil suportar
em total loucura (ou lucidez)
a solidão abissal
de nossas vidas,
tão mortal mente vivas,
mulas-sem-cabeças, celeradas
nas águas do Não Ser
caminhando para o Nada.*
(“Lição de Ruínas, seção II, p. 92)

Fato notável, na presente obra de Brasigóis Felício, é que o poeta procura encarnar dois legendários heróis gregos, Sísifo⁶ e Prometeu, mas de um modo muito particular. Não quer encarnar o lado condenado e escravo de Sísifo, o “Cordeiro a ser sacrificado/ às cinco em ponto da tarde”, rolando pontualmente a pedra do trabalho-operário-cotidiano. Enfim não quer a vida se esvaindo na monotonia de um fluir repetitivo, enfim cada dia a repetição do mesmo!

*Fora daqui esses perfeitos
que perdem a vida
“mostrando serviço.”
Não sou nenhum Sísifo.*
(“Salto no Escuro II”, p. 65)

Entretanto faz questão de copiar de Sísifo o seu gesto obstinado, aquele rolar repetitivo da pedra como um ato existencial, consciente ou consistente — “Começarei, de novo tudo. (...) Não me renderei (...) Começaremos, de novo, tudo/ o que jamais poderemos” — tal como se lê no poema “No mar das vísceras”, à página 34.

Já a figura de Prometeu⁷, o poeta a vive em dois tempos. Primeiro, aquele do arrebatamento do fogo dos deuses, momento em que toma posse da palavra redentora dos homens — palavra capaz de dar vida aos homens, livrando-os da sua condição de estátuas. Este é o seu momento

5 Cf. Heidegger, op. cit.

6 Sísifo, na mitologia grega, nasceu condenado a rolar uma grande pedra ao pico de uma montanha donde recai sem cessar. Era eterna sua condenação.

7 Prometeu, um dos heróis Titãs, tendo formado algumas estátuas de homens, roubou o fogo do céu para dar-lhes vida. Foi preso por isso no monte Cáucaso, onde um abutre lhe roía o fígado que, renascendo sempre, lhe eternizava o suplício.

de poeta, em que "diabolicamente lúcido" confere uma destinação social ao seu verbo.

Entretanto há um Prometeu acorrentado, atormentado pelos abutres, que por seu turno é o próprio homem na sua condição de ser social escravizado, espoliado, todo um contingente humano de que faz parte o próprio poeta, e que o comove a ponto de dizer entre possesso e solidário:

*. . . e bebo do fel
do fígado dos abutres
que comeram Prometeu.
(“Trilha de Sangue”, p. 42)*

É fácil reconhecer o predador e a caça dentro de uma poesia de cunho social, como é a de Brasigóis. Notável neste poema é a aproximação daqueles dois heróis lendários: um acorrentado (Prometeu: o povo); o outro, em atitude de permanente vigília e defesa (Sísifo: o poeta). Vejamos o poema numa extensão maior:

*. . . e bebo do fel
do fígado dos abutres
que comeram Prometeu.
Sísifo condenado ao recomeço
não canso de prosseguir e
confesso amigo: “estou cansado”.
(Idem, p. 42)*

A figura de Prometeu acorrentado ou escravo se identifica, de certa forma, com aquela de Olavo Bilac, em *Vozes d'África*. O que é muito diferente é a postura do poeta goiano. Enquanto aquele se perde em apóstrofes e invocação a Deus para que interceda pelos escravos, este sai à caça dos "abutres" e lhe bebe o próprio fel do fígado, recobrando a parte arrebatada de Prometeu, se não a sua dignidade, num ritual de vingança e ódio.

Outras duas personagens, porém agora bíblicas, que Brasigóis nos faz lembrar, são ainda David e Golias. Frequentemente, desafia os poderosos e os conclama para campo aberto, mas, por uma questão de sobrevivência, não esconde o seu sentimento de medo, ou pânico, palavras citadas inúmeras vezes em seu texto, como, por exemplo, no poema "Manhã em pânico": "Amanheci com medo/ sem um motivo no bolso./ Não sei se é o câncer/ — radiotividade do tempo — / movido a dor e tiranos./ (. . .) Que eu saiba/ não perdi, ainda, o emprego."

O equilíbrio entre as duas forças (metaforicamente, as de David e Golias) tende a se efetivar, com um saldo a favor do mais fraco. O poeta sabe que tem, como David, um instrumento fragílimo nas mãos, mas tão poderoso e certo como a própria funda, e que, convenientemente manejado, é bem capaz de deitar por terra qualquer gigante filisteu.

Deixando estas observações de lado, e corrigindo o nosso curso, voltemos para a tônica das preocupações existenciais de Brasigóis. Falemos, por exemplo, sobre a angústia que assola Brasigóis, estampada em seu conjunto de obras — em verso e em prosa. É transparente a identificação desse poeta com os filósofos existencialistas, diga-se de passagem. Ora, o Existencialismo, na voz de Sartre, declara que o homem é angústia. E o homem, adverte Heidegger, (para citar mais um existencialista) só atinge a plenitude de seu ser na angústia. Através da angústia, o indivíduo penetra no mais íntimo de sua existência. É ela que conduz o homem à existência autêntica.

De qualquer ângulo que observemos Brasigóis, ele é um angustiado. Tomemo-lo primeiramente isolado, enquanto ser existencial. Seu lado reflexivo impõe um “conhece-te a ti mesmo,” mas vejamos a sua quase desolação nas respostas que dá ao seu próprio questionamento interior, depois de concluir a nossa dolorosa falência de conhecimentos: não nos conhecemos — nem a nós nem aos mais próximos:

*É terrível saber
que não conheço
quem dorme comigo.
É um animal escuríssimo
os meus olhos de noviço
o meu melhor amigo.
Nada sei da face
que amo desde sempre
(e nunca vi no espelho).*

(“A Face Iluminada Que me Guia”, p. 40)

Já dissemos, em outra ocasião, que Brasigóis sempre contempla o seu duplo no espelho e ali se vê estrangeiro, ou enxerga “o outro.” Simbolicamente, esta é uma busca de sua identidade, da pátria de seu ser. E, como Platão, acaba admitindo que somos obscuros a nós mesmos, estamos agasalhados na estranha noite do ser.

Em todas as coisas Brasigóis surpreende uma profundidade que se esquia e sofre com os estreitíssimos limites da compreensão humana.

Um vivo atestado disto é a epígrafe tomada a Sören Kierkegaard (mais um existencialista!) que abre o livro **Hotel do tempo**:

“Toda a ordem das coisas enche-me com um sentimento de angústia, desde o simples mosquito até os mistérios da encarnação; tudo me é inteiramente ininteligível, e particularmente a minha própria pessoa. Grande e sem limites é minha tristeza. Ninguém a conhece, exceto Deus no céu, e ele não pode ter pena.”

Entretanto, em nosso ponto de vista, a maior angústia de Brasigóis provém do fato de compreender a destinação social do homem e a impossibilidade de cumpri-la, ou de levá-la a termo convenientemente. O primeiro óbice para isto é a própria natureza do homem, muito mais solitária do que solidária⁸. Quanto a isto, observemos o pensamento do poeta:

*Só nós somos seres
desviados do caminho.
Até quando seremos
ilhas de carne, incomunicáveis
de uma vida enorme, incapaz de amizade?
 (“O Senhor Tempo”, p. 12)*

A dificuldade de comunicação das pessoas, ou de doação talvez, que diminui a dimensão do homem, vem estampada em outros poemas, todavia citaremos apenas mais um:

*A não ser os gêmeos
cada um nasce sozinho
por isso nosso ser de ilha
dificilmente se comunica.
 (“As Nossas Vidas-ilhas”, p. 95)*

Vezes sem conta o poeta aludirá à sua solidão (que também é um fato universal) e que é o resultado de nossa própria incapacidade de comu-

⁸ A propósito, mas em outro sentido, lembramos ao leitor as expressões “lirismo solitário” e “lirismo solidário”, cunhadas recentemente pela Profa. Maria Zaira Turchi, Profa. no Departamento de Letras do ICHL da UFG, na sua excelente obra FERREIRA GULLAR: A BUSCA DA POESIA, com o selo da Presença, Rio, 1985.

nicação humana. Entre nós, e por razões que não desejamos analisar neste momento, dificilmente o circuito da comunicação se completa e o solilóquio, se não o monólogo interior, é prática mais comum entre os homens, fadando-os quase sempre à "solidão abissal". Ouçamos o poeta:

*Trago, de meu, só
essa solidão dura, de ferro
em que desfaleço
quanto mais amadureço.*

(*"O Mar dos Dias"* (. . .) p. 16)

Mais eloqüente ainda o tema aparece, confirmado até pelo título, no poema "Ofício-Solidão II", p. 17, do qual tomaremos apenas algumas linhas:

*A solidão petrificada
no menino que fui, e sou,
já é metade de mim.*

O nosso "ser de ilha", "só até as vísceras", ou na sua "solidão abissal" como já disse o poeta, e num mundo "órfão de esperança", só pode mesmo conhecer a angústia existencial, o conflito permanente. Teríamos que cobrar de Brasigóis a superação dos opostos conflitantes do ser para uma síntese político-social superior, dada à natureza de sua literatura de compromisso social? Cremos que não. Ele é um ser cindido entre o social e o existencial. E o compromisso social, a nosso ver, não anula nele (ou em nós) o *Dasein*, o ser humano, o ente que pergunta pelo sentido do Ser. Em Heráclito não encontramos a superação do caráter conflitual do ser. Ele afirma o conflito, a luta do que se é e do que ainda não se é como **tensão permanente** do ser em todos os níveis ou aspectos de seu aparecimento. Não é sem razão que afirma o poeta, desejoso de superar-se: "Quando seremos mais vastos que nós mesmos?"

Um dos conflitos de Brasigóis se evidencia ao se expressar sobre o homem. Parece amá-los e, ao mesmo tempo, odiá-los. Tentemos compreender Brasigóis, buscando alguma luz em Schopenhauer, que afirma: "Ele reconhece perfeitamente as idéias, mas não os indivíduos. Por isto, como já assinalamos, um poeta pode conhecer profunda e meticulosamente o homem, porém muito imperfeitamente os homens; é enganado com facilidade, e um joguete nas mãos dos astutos."⁹

9 Op. cit. p. 25.

Reiteradas vezes em sua poesia Brasigóis, intertextualizando Drummond, afirma: "Não saí ileso/ de nenhum encontro humano". Em *Hotel do tempo*, já dizia: "Desperado/ cantor da esperança/ eu há muito/ não aguardo dos homens/ nenhuma canção/ de ninar criança."

Entretanto é muito clara a sua opção pelos homens oprimidos nestes versos do poema "Intenção", de *Hotel do tempo*: "Em sangue e em sentimento/ sou irmão dos que vivem (e vou junto dos sedentos)." E nestes versos seguintes: "E ademais, há esse compromisso/ de seguir com meus irmãos (. . .)."

Diante do exposto, podemos concluir que Brasigóis ama o homem enquanto espécie, ama os oprimidos, mas desconfia dos homens, das realizações concretas que o desapontaram no seu dia-a-dia. A estes, odeia até a náusea:

*Oh! a náusea
o asco que me brotam
dos humanos, em mim,
que me conheço, ou não.*

("Enquanto Agonizo", p. 22).

No mesmo poema ele resolve a questão da seguinte forma: "Fujo há milênios dos homens/ e não sou um apartado". Sim, porque vai "junto dos sedentos", como afirmou antes.

Invocando uma vez mais Schopenhauer, veremos que "a vida do indivíduo é uma luta contínua, porém não somente, com a necessidade ou o tédio; mas também realmente com outros. Por toda parte ele encontra opositor, vive em constante luta, e morre de armas em punho."¹⁰ Não é nada fácil o nosso convívio com o semelhante, principalmente se levarmos em conta o mundo competitivo em que vivemos e a nítida inversão de valores. Portanto não há contradição no poeta que afirma, em consequência de seus desencantos diários:

*Ah! o amor que os
homens me inspiravam
perdi-o na floresta
de ismos, nas solidões
do dia bancário.*

("Enquanto Agonizo", seção II, p. 23)

10 Op. cit. 217.

Quanto aos homens em si mesmos, assim se expressa:

*Acho-os tensos
complicados demais
para meu gosto
(...)
Mano, fujo há milênios
dos humanos.*

(“O Fator Humano”, p. 26)

Entretanto conflituando, o poeta tem suas constantes recaídas, como se pode deprender destes versos:

*... e ainda amo
o animal humano, ainda
que só o suporte
depois de bêbado e à distância.*

No poema, “O Espelho da Face”, à página 90, além de falar de seu amor transbordante, não esconde também o fascínio que sobre ele exerce o ser humano, a visão do rosto humano no momento de sua revelação primeira, ainda só a lembrança, a promessa ou a idéia do ser humano, sempre velado no seu mistério indevassável, sempre amável enquanto espécie:

*(...)
só essa clarividente
presença do mistério
sabem
do amor que trago transbordante.
Nos limites do meu corpo
há um desejo viajando
– insaciado.
Ninguém saberá jamais porque
morro de espanto
medo e querência,
a cada vez que vejo (e amo)
o abismo indevassável,
– milagre indecifrável
de um rosto humano.*

Amando o homem ou a humanidade enquanto idéia e, ao mesmo tempo, odiando os homens dados a conhecer, as realizações concretas de sua experiência diária, Brasigóis vive ainda mais um conflito expresso naquela "sede/ solidão/ carência de "estar no mundo", quando o seu desejo é "ser no mundo". Num trabalho para o Encontro Nacional de Escritores, sediado em Goiânia, em junho de 85, analisamos, entre outros aspectos, a luta deste poeta entre o TER e o SER, luta que também continua em sua mais recente obra, sem que nos ocupemos dela no momento. Como já dissemos, há um enorme desejo do poeta em alcançar a pátria de seu ser, embora possa até mesmo exclamar como Camões: "Oh! peito humano sem pátria!" Muitas vezes encontramos Brasigóis num gesto sisifiano, numa nova tentativa desesperada de construção ou reconstrução do ser:

*eu mesmo venho subindo
com desespero,
as barrancas do ser
e tantas vezes tenho caído
de cabeça abaixo,
integralmente fracassado.*
(*"Elogio do Fracasso", p. 69*)

Para o existencialista, o homem existe, enquanto a pedra é. Só o homem é livre e pode escolher o que há de ser — escolhe sua essência e busca realizá-la. Mas por que então o existencialismo proclama que o homem é angústia? Porque, reconhecendo-se livre, ele percebe que não escolhe só para si, mas o faz também para a humanidade inteira. "O indivíduo se angustia porque tem de escolher sua vida seu destino, sem buscar orientação ou apoio em ninguém". Livre, o homem será o projeto que fizer para si e responsável por seu próprio destino: o covarde se faz covarde, o herói se faz herói. Entretanto, isto não é irreversível, como afirma Sartre: há sempre a possibilidade de o covarde deixar de ser covarde e o herói de ser herói. Isto só depende do homem, de sua liberdade. Escolher para si e para o outro, essa dupla responsabilidade, em meio a tantos obstáculos ligados às suas circunstâncias, parece o calvário de Brasigóis, se não o do homem. Vamos tomar uma das alternativas possíveis: sou livre para escolher com responsabilidade (para mim e para a humanidade!). Tenho um projeto humano, mas tenho uma família para sobreviver e trabalho para um jornal ou para uma empresa, da qual não sou o dono. Não sou pago para veicular as minhas idéias, mas aquelas do interesse da própria empresa. Não é difícil compreender a angústia e o desejo de ser daquele que vislumbra a sua liberdade, tem o seu projeto humano, pelo

menos enquanto aspirações, mas esbarra sempre nas grades de ferro de suas circunstâncias inevitáveis.

Sonhando com o dia de o homem "ser no mundo", cabendo aí o sentido existencial ou social, o poeta afirma com esperança e paciência:

*Dizem: virá, ainda, o tempo
do homem Ser.
Será um longo caminho
a ser sofrido
antes de se fazer
o homem tão anunciado.*

("A Canção dos Mudos", pág. 45)

Insinuando um "estar no mundo", já que "Do mesmo modo que Pessoa,/ eu fico sempre à margem/ de qualquer combate" (p. 87), Brásio deixa entrever um desejo de se entregar ao outro, ou à causa social, de modo muito mais autêntico. É com uma espécie de auto-censura que afirma:

*Só concebendo
gestos de dar,
(sem embora consumá-los)
esqueço as mortes
instaladas, rindo,
no peito dos famintos.*

("Águas Adiadas", p. 43)

Por isso, na impossibilidade de integralmente "ser no mundo", o poeta depõe cheio de dúvida e angústia:

*Não sei se grito, ou se tento
o gesto do amor,
ou se me enforco.*

("No mar dos Milênios", p. 58)

Entretanto para o poeta, há algo que o punge mais que o desconhecimento de si próprio — a postergação permanente de seu ato de entrega, como se observa nestes versos:

*A dor indizível/ que trago comigo/
não é só a de ser/ um estrangeiro/
na paisagem/ no meu país/
na minha casa.*

*O meu maior desespero
é morar no que adio.
("Enquanto Agonizo," p. 22)*

Mas não seriam esses gestos "adiados", expressos também às páginas 20 e 83, resultado de suas próprias circunstâncias e limites existenciais? O poeta afirma "Não amo o meu amo" (p. 47), mas precisa sobreviver e por isso mesmo dolorosamente depõe:

*Tenho agüentado demais
os vampiros que abusam
da minha cara de Cristo.
(Ah! esse encolher-se do verme
que não quer ser esmagado).
E tenho estado viscoso: sórdido
em meu medo; repelente, na submissão
que ofereço aos inimigos.
("Zumbi Incendiado," p. 48)*

Entretanto, não nos enganemos com este poeta aparentemente frágil, com cara de Cristo. Embora diga (no poema supracitado) — "estou, sob a mesa, como um laçao (. . .) Tenho sido um sujo cúmplice / dos que me torturam,/ imundo tirano de mim mesmo" — num rápido salto de felino se recompõe e se reencontra. Por isso em seguida afirma: "No auge da farra,/ engulo o uísque em seco,/ e me pergunto:" e os que/ ficaram lá fora?" Neste momento, salta com a fera o "Virgulino (. . .) insubmisso/ e violento por inteiro",¹¹ e é a voz deste que conclui a II seção do poema:

*Não. Não tenho direito a isto.
Vigiam, viajam no meu sangue amotinado
milhões de sentinelas
conspiratas e tocaias.
E esta noite de cervejas
é minha noite de revolta!
(Idem, p. 49)*

Só um ser cindido entre o social e o existencial pode nos oferecer a riqueza e ao mesmo tempo a ambigüidade da poesia de Brasigóis. No mesmo instante em que o vemos de arma em punho, defendendo "os que ficaram lá fora", "os apartados", vêmo-lo também, como nós próprios,

11 In *Hotel do tempo*, p. 213.

os humanos, questionando o sentido do ser, mesmo que seja tão somente para surpreender **A dor das coisas**.

Em Brasigóis percebemos uma permanente briga dentro do ser: “a dor de viver” X “a dor de morrer”; “estar no mundo” X “ser no mundo”; TER X SER (já analisado em outro trabalho); gesto de dar sem consumir; desejo de doação integral X impossibilidade de fazê-lo; amor imenso X dificuldade de entrega. Há muitas antinomias possíveis, no entanto consideremos a última, que sofre alguma evolução das anteriores para a sua mais recente obra.

Tomando uma epígrafe de Maiakovski, Brasigóis declara: “Em mim a anatomia ficou louca/ sou todo coração”. Embora se declare toda emoção, o poeta (falando em nosso nome também), reclama que “o tempo anda escasso de amigos” (p. 70), da “carência de gestos amigos” (p. 83) e da “fome de afetos” (p. 87). Talvez isto seja um novo “mal do século” que assole a nossa pobre humanidade, uma chaga viva, cada vez mais esquecida dos mais ínfimos gestos de fraternidade e de ternura.

A evolução de Brasigóis vai acontecer com referência ao amor no seu sentido erótico propriamente dito. Tivemos oportunidade de assinalar noutro trabalho que a visão do amor em Brasigóis chegava a ser às vezes até grotesca, como em “A Marca de Caim”, página 79. Pois bem, em seu mais recente livro, a visão do amor carnal se transfigura. Embora fale ainda “em meu corpo morto/ para o amor” (p. 21) ou se refira “às solidões do sexo” p. 26, quando os seres naturalmente não se encontram, e até mesmo que “Mais do que antes/ o desamor cavalgou no sexo” (p. 27), é belíssima a concepção a que finalmente chega o poeta, depois de inúmeras vezes haver também intertextualizado Vinícius, nesta declaração – “E para o amor fomos feitos” – isto tanto em “A Canção dos Amantes”, p. 86, como em outros poemas. Para Brasigóis, agora o amor é um ato de total entrega, um ato absoluto:

*Não sabe nada do amor
o amante que se perde
no momento que arremete
o falo, como um soco
– mais com ódio represado
do que com o amor,
iluminado.*

*Não sabe nada do amor
o que se perde do Amor,
ao consumá-lo
com os olhos voltados
para o relógio de ponto.*

(. . .)

*precisa que participe
do amor,
o corpo inteiro dos vivos
que se aceitam nus:*

(Perda Amorosa; p. 81)

O poeta entende agora que só quando formos plenos no amor “seremos mais vastos que nós mesmos” (p. 86). E chega também a essa mais que iluminada sabedoria:

*E desde que para os atos
do amor morremos,
viver perdeu, mortalmente,
todo o seu inesgotável
sentido mais que humano.*

(“Solidão e Asco”, p. 80)

Brasigóis, não fala agora como “quem perdeu tudo/sem nada ter encontrado ainda” (p. 45), pois encontra o caminho do amor como um ato pleno e que justifica a própria existência. Agora realiza aquilo que, no poema “Perda”, de *Hotel do tempo*, era apenas uma possibilidade ou um desejo:

*Se ousasse
libertaria os gestos
de amor que estanquei
— e se pudesse
multiplicá-lo..*

*Aí então me encontrasse
ou me perdesse de uma vez.*

Brasigóis **ousou e encontrou** de fato o fundamento de todas as coisas, podemos garantir. Voltou assim muito mais rico neste novo livro de poemas. Mais cheio de clarividência, sabendo amar os outros e não se negando ao amor; com muito mais acuidade, sabendo enxergar horizon-

talmente para fora de si mesmo, na direção do outro, e verticalmente, na direção de seu abismo interior. De qualquer ângulo que olhe, Brasigóis só consegue surpreender "a dor das coisas": aquela individual do homem, na sua infinita solidão e angústia ou a dor coletiva dos humanos apartados — órfãos de esperança em qualquer dos casos. Em consequência, **A dor das coisas**, de Brasigóis Felício, é principalmente esta síntese máxima que ele próprio alcançou: "versos sangrando de dor e humanidade."